

RESENHA BIBLIOGRÁFICA

ANCHIETANA. — Publicada pela Comissão Nacional para as Comemorações do dia de ANCHIETA — Gráfica Municipal. São Paulo, 1965.

Por iniciativa de intelectuais paulistas, o Presidente da República instituiu o Dia de Anchieta, e, para cuidar das comemorações uma Comissão Nacional, integrada, entre outros, pelo Prof. Eurípedes Simões de Paula, Dr. Júlio de Mesquita (Presidente), Dr. Aureliano Leite, Dr. Yan de Almeida Prado, Dr. César Salgado e Pe. Hélio Abranches Viotti.

Patrocinadas por essa Comissão realizaram-se durante todo mês de julho de 1965 conferências abrangendo os mais variados aspectos das atividades de Anchieta no Brasil. Ao mesmo tempo a Comissão solicitou colaborações escritas a pessoas destacadas no campo histórico e literário. Tendo em vista uma maior divulgação das comemorações e dos estudos apresentados sobre a vida do jesuíta a Comissão decidiu publicar um volume contendo trabalhos de pesquisa, conferências e atos oficiais e o resultado foi a *Anchietana*.

E' obra volumosa, onde se enfeixaram várias pesquisas, poesias e análises sobre tendências do Irmão José para a Medicina e a "cura", suas atividades como teatrólogo e professor de língua tupi-guaraní, além de suas realizações como sacerdote milagroso.

A primeira parte da Anchieta engloba 7 (sete) conferências dentre as quais se destaca a realizada pelo padre Francisco Mateos, que faz um levantamento das realizações do padre Anchieta, desde as suas origens e militância na Companhia de Jesus até sua morte.

Ainda contém os trabalhos de Pedro Calmon, Salvador Herrera, Júlio G. Morejón, Cesar Salgado e Padre Hélio A. Viotti.

A segunda parte apresenta tôdas as colaborações recebidas pela Comissão. São trabalhos de estudiosos da vida de José de Anchieta, bem como de literatos e poetas que procuram ressaltar a figura do jesuíta. Entre êles destacamos: Cassiano Ricardo e Guilherme de Almeida.

A terceira parte é composta pela transcrição de 3 (três) discursos pronunciados na Câmara Federal por parte dos Deputados Yukishique Tamura, Eurico de Oliveira e Cunha Bueno.

E' obra interessante por abranger aspectos diversos da Vida e Obra de José de Anchieta. Tem como objetivo marcar o Dia de Anchieta e cremos ter atingido o fim a que se propôs. Traz ainda uma série de ilustrações interessantes, entre as suas 447 páginas.

ALBERTO BORGES DOS SANTOS

* * *

VIANNA (Hélio). — *São Paulo no Arquivo de Mateos*. Biblioteca Nacional. Coleção Rodolfo Garcia. Div. Pub. e Div. Rio de Janeiro, 1969.

A Biblioteca Nacional acaba de publicar o trabalho do prof. Hélio Vianna, onde encontramos reunidos diversos documentos que fazem parte do Acervo Do-

(*) . — Solicitamos dos Srs. Autores e Editôres a remessa de suas publicações para a competente crítica bibliográfica (*Nota da Redação*).

cumental daquela instituição. A publicação do prof. Hélio Vianna refere-se a papéis reunidos por D. Luís Antônio de Sousa Botelho e Mourão, entre 1765 e 1775, quando Governador e Capitão-General da Capitania de São Paulo.

Parte dos documentos contidos no "São Paulo no Arquivo de Mateus" já teve divulgação, pois o próprio autor os publicou nos Folhetins do "Jornal do Comércio", no Rio de Janeiro, entre abril e outubro de 1966.

Contém a obra de 126 páginas: Três Memórias de Pedro Taques (Memórias sobre D. Francisco de Sousa, Administradores e Descobridores de Minas e Primeiras Vilas Vicentinas), oito cartas inéditas de Pedro Taques, um trabalho sobre a Capitania de São Paulo pelo Morgado de Mateus e a Questão Vimieiro-Lumières.

Não se trata, no entanto, de simples publicação de documentos, pois o autor teve o cuidado de anotá-los, dando, dessa forma, uma contribuição positiva para o conhecimento dos documentos paulistas que se encontram no Arquivo de Mateus e sob a custódia da Biblioteca Nacional.

J. S. WITTER

* * *

GUIRAL (Pierre) e BRUNON (Raoul) (publicada por). — *Aspects de la vie politique et militaire en France à travers la correspondance reçue par le Maréchal Pelissier (1828-1864)*. Ministère de l'Éducation Nationale. Comité des Travaux Historiques et Scientifiques. Section d'Histoire Moderne et Contemporaine. Notices, Inventaires et Documents. XXV. Paris. Bibliothèque Nationale. 1968. 355 pp.

Trata-se de uma valiosa publicação de documentos e cartas recebidas pelo Marechal de França, Aimable Pelissier, de 1828 a 1864. Pela leitura dessa documentação podemos ver desfilar perante os nossos olhos toda a vida de um rude e brilhante oficial francês que começara a sua carreira na *Grande Armée* do Corso, e vai terminá-la com Napoleão III.

Sentou praça no exército em 1813, sendo licenciado em 1815; mas logo a seguir volta novamente às fileiras. Em 1820 é nomeado tenente e com esse posto fez a Guerra da Espanha e já como capitão tomou parte na expedição da Moréia.

Na conquista da Argélia teve papel saliente, mas teve que voltar à Metrópole onde serviu no Estado-Maior do Exército de 1831 a 1839. Mas, sempre pensando em voltar para o Maghreb, fez um curso de árabe na Escola de Línguas Orientais de Paris.

Tenente coronel em 1839, já no fim desse ano é o chefe do Estado-Maior da III Divisão do Exército da África. Aí distinguiu-se em diversos combates e operações sob o comando de Bougeaud.

Quando do golpe de estado de Luís-Napoleão, em dezembro de 1851, Pelissier era o comandante-interino na África do Norte e colocou toda a sua tropa sob controle e apoiou o golpe bonapartista.

No começo da Guerra da Criméia ficou na Argélia, mas em dezembro de 1854 foi encarregado do comando do 1º Corpo de Exército sob o comando de Canrobert. Com o pedido de demissão deste, assume o comando das forças francesas e foi ele que, à frente dos seus homens, tomou Sebastopol, tendo recebido pelos seus serviços o título de duque de Malakoff.

Em 1.º de fevereiro é nomeado vice-presidente do Senado e membro do Conselho Privado. Foi por essa ocasião que desposou Maria Isabel Sofia de Valeta, filha do marquez de Paniegas, parente da Imperatriz. Esse fato corresponde ao apogeu da sua vida.

Morreu em Argel como Governador Geral, em maio de 1864.

O Fundo Pelissier, conservado na coleção Raoul e Jean Brunon, possui 2.161 cartas e documentos. Cartas endereçadas ao Marechal, documentos por êle conservados e algumas poucas cartas por êle mesmo escritas. Dessa massa de documento foram escolhidas e estampadas neste volume 255 cartas das mais diversas origens, pois basta dizer que nesse fundo adquirido pelo Museu e pelo Exército em 1967, existem documentos de cêrca de 330 autores diferentes, desde parentes até o Imperador Napoleão III.

Recomendamos a leitura dessas cartas porque, através das mesmas, podemos fazer uma idéia do espírito reinante no exército francês dessa época, principalmente em relação aos civis, os parlamentares e principalmente os jornalistas. Além disso, através dessa correspondência podemos tentar reconstituir um grande número de fatos do reinado de Napoleão III tão deturpado por alguns historiadores.

E. SIMÕES DE PAULA

*

* *

BURNS (E. Bradford) (Editor). — *Perspectives on Brazilian History*. Columbia University Press. New York & London, 1967, 235 páfs., US\$ 7,50.

E. Bradford Burns, professor associado de História na Universidade de Columbia, tem-se dedicado particularmente aos estudos brasileiros. Dentre seus trabalhos podem ser mencionados *Manaus, 1910* (publicado no *Journal or Inter American Studies*, vol. VII, nº 3, julho de 1965), pesquisas referentes à correspondência dos jesuítas no Brasil (cf. *The sixteenth-century Jesuit Letters of Brazil*, in *Historical Records and Studies*, vol. 49 (1962) e, especialmente, o volume *The unwritten Alliance — Rio Branco and Brazilian-American relations*. A história da política externa brasileira, aliás, continuou a interessá-lo, dando margem ao artigo *Tradition and variation in Brazilian Foreign Policy* (*Journal of Inter-American Studies*, vol. IX, nº 2, abril 1967). Contribuindo, ainda, para a divulgação de trabalhos de autores brasileiros em países de língua inglesa, o Prof. Burns, ao qual já era devida uma coletânea de textos de história do Brasil para uso de Universidades norte-americanas, reúne no volume em questão uma série de ensaios acêrca de historiografia, a saber: 1. — K. F. Ph. von Martius, *How the History of Brazil should be Written*; 2. — Pedro Moacyr Campos, *An Outline of Brazilian Historiography in the Nineteenth and Twentieth Centuries*; 3. — Caio Prado Júnior, *A Guide for Historiography of the Second Empire*; 4. — José Honório Rodrigues, *Problems in Brazilian History and Historiography, The Periodization of Brazilian History e Capistrano de Abreu and Brazilian Historiography*; 5. — Oilliam José, *The Periodization of the History of Minas Gerais*; 6. — João Capistrano de Abreu, *A Critique of Francisco Adolpho de Varnhagen*; 7. — Sérgio Buarque de Holanda, *Historical Thought in Twentieth-Century Brazil*. A êstes trabalhos acrescentam-se dois outros, abrindo e encerrando o volume, de autoria do Prof. Burns: uma introdução geral, abrangendo a historiografia brasileira do período colonial, e um utilíssimo ensaio bibliográfico.

A publicação do volume é feita sob o patrocínio do Instituto de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Columbia, com assistência financeira da Fundação Ford.

PAULO P. DE CASTRO

*
* * *

LARAIA (Roque de Barros) e MATTA (Roberto da). — *Índios e castanheiros. (A empresa extrativa e os índios no médio Tocantins)*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1967, 147 pp.

Há quatro séculos vem se propondo o problema das relações entre brancos e índios no Brasil e até hoje, após ter sido encarado sob os prismas religioso, racial, cultural e econômico, êle ainda não deixou de ser um problema. A exterminação de grande número de grupos indígenas e a sua assimilação pela população nacional reduziram os índios brasileiros a 2% da população atual. As perseguições e os conflitos sistemáticos ou esporádicos, o contágio de doenças desconhecidas antes do contacto com o europeu, a usurpação das terras necessárias a sua sobrevivência e o contacto desorganizador com grupos nacionais que dominam técnicas muito mais desenvolvidas colocaram os índios entre "os malditos da Terra". E ainda entre estes, a sua situação é particularmente trágica — a pequena densidade (100.000 para uma população total de 90.193.000) e a falta de recursos técnicos e de organização frente às instituições econômicas nacionais ou locais não lhes dão sequer recursos para se fazer ouvir. Por isso, gerações sucessivas de brailleiros ignoram totalmente a sua existência ou dêles recebem nas escolas e em livros didáticos uma imagem estereotipada, de seres infantis e ridículos, que podem se transformar em traiçoeiros assassinos. Em suas perambulações em busca da Terra sem Males, os índios têm encontrado apenas a Terra de todos os Males.

Os professores das escolas primárias e secundárias talvez pudessem modificar a situação do ensino a respeito dos índios brasileiros, através de uma visão mais realista e menos parcial, nos cursos de História, Geografia, Estudos Sociais e Organização Social e Política do Brasil. O trabalho dos etnólogos do Museu Paulista, do Museu Nacional e do Museu Emilio Goeldi pode ser uma das fontes para a modificação da perspectiva didática do problema indígena. O contacto maior com os diferentes grupos indígenas é capaz de torná-los menos estranhos aos indivíduos de outra cultura e, aos leitores dos trabalhos, apresenta as situações de contacto e de conflito através do ângulo do índio.

O livro aqui examinado é um desses trabalhos. Faz parte de um projeto mais amplo de estudo das áreas de fricção inter-étnica, como as denominou o autor do projeto e de estudos sobre os Terena e os Tukûna, o etnólogo Roberto Cardoso de Oliveira. Êste livro contém dois estudos, um sobre os Suruí e os Akuáwa-Asurini e outro sobre os Gaviões do Médio-Tocantins.

Nessa região de economia basicamente extrativa, os brasileiros ocupados com a coleta e o comércio da castanha, têm contacto permanente com os índios, mas estabelecem tipos diversificados de relações e conflitos, conforme deparem com sociedades tribais já destruídas ou ainda em processo de desorganização. A estrutura interna das sociedades tribais, seu sistema de poder e a história de seus contactos com os brancos revelam uma face da situação. A inovação dos estudos ini-

ciados por Roberto Cardoso de Oliveira e prosseguidos por Roque de Barros Laraia e Roberto da Matta foi apresentar paralelamente a estrutura social do grupo nacional com que os índios estabelecem o contacto. Isso permitiu mostrar como uma mesma atividade econômica, na mesma região geográfica provoca diferentes reações — a pacificação total dos Suruí e dos Asurini e a atitude agressiva dos Gaviões, reduzidos a menos de 50 indivíduos, mas que são proprietários de castanhas. Outra contribuição destes estudos é revelar a perspectiva do índio e, além disso, a diferenciação individual de reações à sociedade nacional, num mesmo grupo. Embora freqüentemente os estudos etnológicos sejam levados a negligenciar as diferenças individuais, a sua revelação tem grande importância para a “humanização” do índio — isto é, para permitir que êle rompa o estereótipo a que está amordaçado.

MIRIAM LIFCHITZ MOREIRA LEITE

*

* *

HORCH (Rosemarie). — *Brasiliana da Coleção Barbosa Machado*, in “Anais da Biblioteca Nacional”, vol. 83. 1953. Divisão de Publicação e Divulgação, 1967.

O trabalho da bibliotecária Rosemarie Erika Horch é mais uma valiosa contribuição da pesquisadora aos estudiosos da História do Brasil. O levantamento dos documentos da *Brasiliana* e a sua catalogação representam importante auxílio àquêles que buscam informações sobre assuntos brasileiros.

A coleção é composta de 3155 opúsculos e foi reunida, conforme a autora, pelo Abade de Sever, Diogo Barbosa Machado e apresentada em 146 volumes.

“Ocupando lugar de destaque na Real Biblioteca da Ajuda, a referida *Coleção* veio para o Brasil, trazida pelo príncipe regente D. João, quando para cá se transportou em 1808. Daí passou a ser o núcleo central da atual Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro”.

Ramiz Galvão se interessou pela *Coleção* e procurou confeccionar o seu catálogo, entretanto, como os volumes dos *Anais*, onde se encontram publicados, estão esgotados, julgamos de importância a nova catalogação feita por Rosemarie Horch.

A autora procura dar aos estudiosos idéia do que contém a coleção e salienta no prefácio:

“Terminado o levantamento bibliográfico, oitenta anos após a última publicação sobre ela feita pelo Barão de Ramiz Galvão resolvemos trazer a público primeiramente a “*Brasiliana da Coleção Barbosa Machado*” atendendo a que o *Catálogo Geral* ainda demorará a ser publicado”.

O trabalho de Rosemarie Horch se compõe de duas partes distintas, além do Prefácio, nota explicativa e fontes bibliográficas:

1. — *A Brasiliana em Ordem Cronológica*.

Nesta parte, a Autora aborda os documentos referentes aos séculos XVI, XVII e XVIII e vai da página 21 à página 200.

2. — *Índices.*

- I. — Onomástico.
 - II. — De obras anônimas.
 - III. — De Assunto.
 - IV. — De Oficinas tipográficas ou tipógrafos.
 - V. — De ordens religiosas e Igrejas mais citadas.
- Vão da p. 204 a 220.

Tôdas as publicações citadas e os manuscritos apresentados são cuidadosamente comentados e dão ao leitor uma idéia precisa do conteúdo da coleção.

E' trabalho de muito interêsse para aquêles que estudam a História Brasileira, mas principalmente para o historiador que se preocupa com os três primeiros séculos da nossa História.

JOSÉ SEBASTIÃO WITTER